

Sean Penn na bandeira dois

Enquanto cults do astro se espalham por streamings, seu recente desempenho em 'Daddio' chega ao país na maratona carioca



Por Rodrigo Fonseca
Especial para o Correio da Manhã

Fala-se muito em “Daddio”, drama de desa-bafos que o Kinoplex São Luiz exhibe nesta quinta (10), às 21h15, na grade do Festival do Rio. Cada saliva gasta por Girlie (Dakota Johnson) na narrativa ambientada quase 100% no interior de um táxi umedece o calejado coração do chofer de praça Clark, um dos papéis mais ternos de Sean Penn em décadas.

Sob a direção de Christy Hall, esse par de estrelas tem uma performance que cativa pela habilidade de dar dor a palavras simples. Na trama, a passageira chega ao aeroporto após uma viagem e se entrega ao celular, numa troca de mensagens a princípio cálidas e, mais tarde,

abusivas, ao longo de uma jornada até o bairro Hell's Kitchen, numa Manhattan congestionada. Clark sabe ouvir. O tempo gasto ao volante talhou seus tímpanos para escutas nas quais tem sempre um conselho na manga para ofertar.

Num dado ponto da corrida, as angústias de Girlie são similares a muitas das que ele tem em relação ao vazio existencial que sente. Penn tem uma atuação devastadora nesse filme que vem assaltado telonas da Europa à força de sua boa acolhida em maratonas cinéfilas.

Envolvido atualmente em “The Battle of Baktan Cross”, de Paul Thomas Anderson, ao lado de Leonardo DiCaprio e Regina Hall, Penn hoje prepara um novo filme no posto de realizador: um documentário sobre o jornalista saudita Jamal Khashoggi, assassinado em 2018. Seu exercício mais recente como realizador, “Superpower”, doc sobre a Guerra da Ucrânia, permanece inédito em circuito por aqui.

Porém, uma de suas incursões ao exercício da direção, o drama “Flag Day – Dias Perdidos”, indica-



Sean Penn interpreta um taxista que singra NY em 'Daddio'

do à Palma de Ouro de 2021, acaba de ser lançado aqui, via YouTube, onde está disponível para compra ou aluguel. Sua protagonista, Dylan Penn, é filha do ator, e vive Jennifer, jovem problemática que entra numa jornada errática pelos EUA trombando com seu pai trambiqueiro, vivido por Penn. “Tento apoiar pessoas que estão apoiando a liberdade”, disse ele na Berlinale de 2023, ao lançar “Superpower”, sobre a violência de Vladimir Putin na Guerra da Ucrânia.

Codirigido por Aaron Kaufman, este ensaio sobre a violência institucionalizada foi recebido com controvérsia pela crítica pelo modo como Penn se debruça sobre a cultura da brutalidade na mídia. “Este não é um filme parcial pois fala de uma guerra que não é ambígua”, disse Penn.

Muitas vezes grandes festivais, como o de Cannes, estenderam tapete vermelho à presença de Penn, como se viu na Croisette em 2011, com a estreia mundial de “A Ár-

vore da Vida”, de Terrence Malick, que ganhou a Palma de Ouro. É possível vê-lo hoje na MUBI. Na Amazon Prime, encontra-se uma série de produções estreladas pelo artista, como “Os Últimos Passos de Um Homem” (1995), “Colors – As Cores da Violência” (1988), de Dennis Hopper; “Tiro de Misericórdia” (1990), de Phil Joanou; e “A Intérprete” (2005), de Sydney Pollack. Ou alguns filmes que Penn dirigiu, como “The Last Face - A Última Fronteira” (2016).

Divulgação



Elenco feminino de peso arrebatou o aplauso do Festival de Sundance (EUA) para 'Malu'

‘Malu’, de Sundance para a Gávea

Fã de John Cassavetes (1929-1989), o diretor Pedro Freire parece ter tomado emprestado de seu ídolo ecos de “Uma Mulher Sob Influência” (1974) na hora de compor a Comédia Humana retratada em “Malu”, sucesso tamanho GG da seleção internacional do último Festival de Sundance, nos EUA, que aterrissa hoje na competição oficial da Première Brasil com fome de láureas.

Há uma aposta quente na po-

tencial vitória de Yara de Novaes na corrida pelo troféu Redentor de Melhor Atriz. Suas parceiras de cena, Juliana Carneiro da Cunha e Carol Duarte, são igualmente badaladas. Freire pode firmar seu prestígio como realizador a partir da saga de Malu, uma atriz de passado glorioso, que se vê presa em um caos sentimental. A relação nada leve com sua mãe conservadora e sua filha adulta torna sua crise ainda

mais aguda. A sessão é nesta quinta (10), às 21h45, no Estação NET Gávea, com repeteço na sexta, às 16h30, no Odeon.

Nesta reta final de Festival, fala-se de prêmios para a direção de Luciano Vidigal em “Kasa Branca”; a atuação de Ricardo Teodoro em “Baby”; e para a fotografia de Pierre de Kerchove em “Retrato de um Certo Oriente”. Na mostra paralela Novos Rumos, merece aplausos (e láureas) o delicado “Avenida Beira Mar”, de Maju de Paiva e Bernardo Florim, no qual uma menina trans encara asperezas em nome de sua identidade e de sua autoafirmação. Andréa Beltrão é um mimo que o filme oferece à cinefilia no papel de uma mãe obstinada, às voltas com mudanças e recomeços. (R.F.)